

DESLOCAÇÕES TRANSATLÂNTICAS COM JOÃO UBALDO RIBEIRO

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO*

Resumo: Um brasileiro em Berlim, *antologia de crónicas resultantes de uma deslocação transatlântica que passa por uma estadia em Berlim de João Ubaldo Ribeiro*, oferece ao leitor a possibilidade de contacto com toda uma doxa a permitir abordar deslocações no discurso social, colocando face a face um Primeiro Mundo (europeu) e um Novo Mundo (brasileiro). Trata-se então neste breve estudo de identificar questões identitárias e de alteridade trabalhadas pela ironia corrosiva do escritor, permitindo desnudar a condição de constructo cultural das representações em circulação, desconstruindo, deste modo, um pseudossaber essencialista e simplista sobre o outro.

Palavras-chave: João Ubaldo Ribeiro; Um brasileiro em Berlim; Deslocações.

Abstract: Um brasileiro em Berlim, *an anthology of chronicles resulting from a transatlantic displacement that includes a stay in Berlin by João Ubaldo Ribeiro*, offers the reader the possibility of contact with a whole doxa that allows approaching displacements in social discourse. These displacements put face to face a First World (European) and a New World (Brazilian). The aim of this brief study is to identify issues of identity and otherness that are addressed by the writer's corrosive irony, making it possible to lay bare the cultural construct of the representations in circulation, thus deconstructing an essentialist and simplistic pseudo-knowledge about the other.

Keywords: João Ubaldo Ribeiro; Um brasileiro em Berlim; Displacements.

Na génese da minha atenção a João Ubaldo Ribeiro, está uma breve, mas estimulante passagem pela literatura brasileira em contexto de docência, no Mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes, no ano letivo de 2009/2010 que me permitiu, enquanto docente, uma deslocação transatlântica pela leitura. À época, ainda sem a solicitação para a identificação de resultados de aprendizagem e competências, o programa apresentava como objetivo, de forma sumária, o trabalho com diferentes atualizações da ficção narrativa brasileira dos séculos XIX e XX. Da ficção brasileira do século XIX, José de Alencar e Machado de Assis foram os eleitos e, no século XX, optou-se por Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, João Ubaldo Ribeiro e Cíntia Moscovich. Oito textos de leitura integral foram escolhidos: *O Guarani*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Macunaíma*, *O Quinze*, *Viva o povo brasileiro* e *Duas iguais*. Para além de uma abordagem de dimensões contextuais e poéticas, em filigrana, questões de busca, construção ou problematização da identidade podiam ser aproximadas nas figurações literárias escolhidas.

Por esta ocasião celebratória de 50 anos de Literatura Brasileira na FLUP, a minha temeridade em abordar alguém que foi Prémio Camões em 2008¹ decorre não apenas

* U. Porto/ILCML. Email: outeirinho@letras.up.pt.

¹ Do júri fizeram parte Corsino Fortes, João Melo, Marco Lucchesi, Maria de Fátima Marinho, Maria Lúcia Lepecki e Ruy Espinheira Filho.

dessa incursão em *Viva o povo brasileiro*, mas também do facto de, à época, me ter atarado na crónica «Memória de livros»², que integra *Um brasileiro em Berlim*, obra objeto de atenção para o presente estudo. Nessa crónica, muito para além da lembrança de obras e autores que fizeram «parte íntima de [sua] vida» (Ribeiro 2011), partilha-se o percurso, processo de formação e construção do grande leitor que foi João Ubaldo Ribeiro. Não resisto a salientar duas passagens de «Memória de livros»:

Não sei muito bem como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação que entendia nelas o que inventara (Ribeiro 2011).

Mas o cronista não nos fala apenas de leitura de imagens, conta-nos também o momento em que aprendeu a juntar as letras:

de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis (Ribeiro 2011).

Anos passados, será João Ubaldo Ribeiro escritor a assumir o testemunho de construir mundos, de dar a ver mundo/mundos e a permitir a muitos outros deslocarem-se pela leitura dos seus textos, com romances vários e com crónicas. Ora, é precisamente o que sucede com *Um brasileiro em Berlim*, obra que resulta de uma deslocação transatlântica³ de Ubaldo Ribeiro e sua família nuclear, em 1990, e que passará por uma estadia na cidade de Berlim até 1991, numa época ainda próxima da queda do muro ou, como observa Ray-Güde Mertin, no posfácio ao livro, «Quando em abril de 1990, a família Ribeiro chegou à Alemanha, os alemães estavam absorvidos sobretudo com sua própria história, tendo acabado de comemorar a queda do muro de Berlim» (Mertin 2011).

² Ray-Güde Mertin, no posfácio a *Um brasileiro em Berlim*, lembra que esta crónica resulta de um pedido seu para falar dos livros que tiveram de ficar no Brasil quando veio para Berlim e que foi publicada no suplemento do Natal, de 1990, do *Frankfurter Rundschau*.

³ Não foi esta, porém, a sua única deslocação transatlântica. Cerca de uma década antes, João Ubaldo Ribeiro, em 1981, enquanto bolseiro da Fundação Gulbenkian, viveu 10 meses em Portugal.

Convidado pelo serviço alemão de intercâmbio acadêmico — *Deutscher Akademische Austauschdienst* — para uma temporada em Berlim, Ubaldo Ribeiro publicará durante o seu tempo de permanência em espaço alemão, no suplemento cultural do jornal *Frankfurter Rundschau*⁴, crônicas mensais depois reunidas, em 1995, em *Um brasileiro em Berlim*. Estranhamente ou talvez não, os textos de Ubaldo Ribeiro não se deterão muito na história das duas Alemanhas ou na sua reunificação. Em dezassete crônicas, duas apenas o fazem: «A velha cidade guerreira» e «O tartamudo do Kurfürstendamm».

Na primeira, de todas as crônicas desta antologia, aquela que apresenta uma reflexão toda marcada por um registo de seriedade, contrariando a constante verve assente num humor irónico do autor e já tão esperado pelo leitor, reflete-se sobre a Berlim de ontem e a Berlim de hoje, numa emergência de perguntas em catadupa, «num acesso de filosofia barata» nas palavras do cronista, dando conta da fragilidade de uma reunificação:

Fico olhando este pedaço de rio, agora tão diferente do que vi da outra vez em que estive aqui. [...].

Agora, neste sítio, os restos despedaçados de tanta História subsistem, entre camelôs e japoneses sorridentes, a atmosfera espessa, quase sólida, que aqui encontrei da outra vez. O que existiu realmente existiu? Algo importa além do presente? Há realmente uma História, somos de fato herdeiros de alguma coisa, ou somos eternos construtores daquilo que a memória finge preservar, mas apenas refaz, conforme suas variadas conveniências, a cada instante que vivemos (Ribeiro 2011, em «A velha cidade guerreira»)?

Na Berlim (ocidental) de um tempo pós-queda do muro, os alemães do Leste são vistos como visitantes e sentidos como invasores, «O outro não é mais o irmão, seja por nacionalidade, seja por comum humanidade. O outro é um intruso, cuja fala, modos e fraquezas são inaceitáveis» (Ribeiro 2011, em «A velha cidade guerreira»). E ele, o cronista que regista um tempo presente a servir afinal uma memória futura, testemunha uma reação que roça uma nova espécie de xenofobia:

Vou para o ponto de ônibus, passo por um grupo de aspecto tímido, homens, mulheres e crianças carregando sacolas e falando baixo. ‘Polen’, resmungo uma mulher junto a mim, com um olhar muito raro aqui, e acrescenta qualquer coisa que não entendo, mas de que tenho a certeza de que não gosto (Ribeiro 2011, em «O tartamudo do Kurfürstendamm»).

⁴ João Ubaldo Ribeiro foi colaborador de diferentes periódicos ao longo da sua vida; recorde-se apenas alguns deles: no Brasil, no *Jornal da Bahia*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, *A Tarde*; na Alemanha, para além do *Frankfurter Rundschau*, em *Die Zeit*; em Portugal, em *O Jornal* e no *Jornal de Letras*; na Inglaterra, no *The Times Literary Supplement*.

Na segunda crónica, «O tartamudo do Kurfürstendamm», igualmente aflora uma referência aos alemães ocidentais na nova Berlim e à sua eventual animosidade face à memória de uma história recente, quando desabafa com um amigo, queixando-se da impaciência, irritação, ou mesmo ira, que alguns manifestam quando não conseguem falar a língua e quando diz que Berlim não era mais a mesma, «parecia que agora tinha raiva de estrangeiros». À explicação do amigo que diz que tal sucede porque ele se «pode parecer com polonês, romeno, húngaro, iugoslavo... Aqui virou tudo a mesma coisa», a reação do escritor não se faz tardar: «Amanhã mesmo, compro um Trabant e vou à luta» (Ribeiro 2011, em «O Tartamudo do Kurfürstendamm»).

Um brasileiro em Berlim põe-nos em contacto com uma figura que logo na primeira crónica confessa que «[f]ica imaginando se não teria sido alemão numa vida progressa», refere a sua «elusiva identidade alemã» (Ribeiro 2011, em «Chegada») e se apropria da afirmação de Kennedy, *Ich bin ein Berliner*; uma figura que, na crónica em que se assume como tartamudo, escreve «nós, berlinenses» ou que, em «Despedida», relembra, melancolicamente numa antecipação da saudade que experimentará, memórias construídas que passam pelas pessoas como a velhinha Frau Hock, pela casa, «a nossa casa», pelos objetos que a habitaram como Dona Frieda, «nossa saudosa máquina de lavar» que «teve de ser levada [...] já inconsciente», tendo de ser substituída pela Olga (outra máquina de lavar «nova e boa» à qual a família nunca se afeioou). No regresso ao Brasil, diz de si e da sua família: «Nós voltamos altamente berlinenses» (Ribeiro 2011).

Porém, como lembra Ray-Güde Mertin,

Viajar a outro país, isto significa surpresas e irritações, proximidade e inacessibilidade, e a velha experiência que somente o estrangeiro no estrangeiro é nitidamente sentida: qual é a própria nacionalidade. Não é apenas o fascínio diante do outro, mas também a surpresa de experimentar as próprias reações e sensações num contexto diferente (Mertin 2011).

Com efeito, o contacto com o outro e a imagem que o outro tem do eu e que lhe é devolvida foram objeto de experiências várias de deslocação no percurso biográfico de João Ubaldo Ribeiro. Em *Autobiografia* [intitulada] *João Ubaldo Ribeiro — Pré-defunto, chato e reaccionário*, publicada no *Jornal de Letras*, em 2005, afirma o autor: «Vivi em Sergipe, na Bahia, em Iowa City, em Los Angeles, em Lisboa e em Berlim. Tenho horror a ser estrangeiro, mesmo em Portugal, país do meu coração, onde tenho dois ou três amigos que considero parentes [...]» (Ribeiro 2014 [2005])⁵. Em *Um brasileiro em Berlim*,

⁵ Em 1987, foi-lhe atribuída a Ordem de Mérito de Portugal e em 1994 recebe na Alemanha o prémio Anna Seghers, concedido a escritores germanófonos e latino-americanos.

essa consciência profunda da condição de estrangeiro atravessará diferentes crónicas que escreve, num registo irónico e humorístico tão próprio da sua escrita.

Explorando narrativas de um quotidiano ancorado nas suas próprias vivências, trabalhando uma pessoalidade do discurso própria da crónica, João Ubaldo Ribeiro fala da sua chegada, dos seus contactos-confrontos com um espaço outro e uma cultura outra, vendo-se ele próprio como um outro que não reconhece no espelho berlinense. Com efeito, a imagem de si e da sua inscrição cultural brasileira que lhe é devolvida permite-lhe identificar com estupefação toda uma *doxa* em circulação sobre um Brasil primitivo, venal e libertino. Ora, como lembra François Provenzano, a noção de *doxa* remete para

l'ensemble des opinions couramment admises, des croyances largement partagées, des savoirs informels diffusés au sein d'une communauté socio-historique et culturelle donnée. [...] Considérée comme un agrégat de croyances non vérifiées, la doxa s'assimile aux apparences mouvantes et trompeuses, aux opinions intuitives, et s'oppose à la vérité démontrée (Provenzano [s.d.]).

Se, como Ruth Amossy observa, em *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*, se pode identificar uma bivalência constitutiva (Amossy 1991), entre uma dinâmica pejorativa e uma dinâmica construtiva, e Amossy dá como exemplo o estereótipo, nas representações mentais em circulação num discurso social a marcar comportamentos face ao estrangeiro, em *Um brasileiro em Berlim* tal dinâmica é eminentemente pejorativa.

Contudo, para João Ubaldo Ribeiro, que se considera, nesta situação de deslocado, um embaixador cultural⁶, não se trata nestas crónicas de refutar, demonstrar ou mostrar o que é para si o verdadeiro Brasil. Recorrendo, por vezes, a uma autoirrisão ou a um modo disruptivo, provocatório, irónico ou sarcástico⁷, o autor vai fazendo implodir todo um conjunto de heteroimagens aparentemente com larga difusão no espaço público do Primeiro Mundo, para retomar a expressão, não inocente, usada pelo autor para dizer Europa⁸, com tais processos conseguindo, afinal, que o espaço europeu, neste caso alemão, se veja a si mesmo ao espelho na relação com o outro estrangeiro. E recordo tão só que estas crónicas foram publicadas pela primeira vez para leitores alemães.

Atente-se aqui apenas num ou noutra exemplo.

⁶ Ver «Batalhas culturais».

⁷ «Apesar do tom de improviso e do estilo escorrito que, por vezes, marcam as suas crónicas, é indiscutível a cultura/saber que se vislumbra por detrás dos seus textos, pois só assim se consegue abordar o trágico de forma irónica. De facto, a ironia, marca das suas crónicas, tem vindo a acentuar-se ao longo dos anos, chegando, não raras vezes, a transformar-se em desencanto e sarcasmo» (Xavier 2005, p. 324).

⁸ Ver «Sexy Brasil, sexy Berlim».

No que toca à autoirrisão, o cronista apresenta-se como o tartamudo do Kurfürstendamm (Ribeiro 2011) na crónica do mesmo nome, narrando a sua batalha com uma língua alemã, língua «bela» mas «esquiva», com vários episódios de claro malogro comunicativo.

Já na crónica «Sexy Brasil, sexy Berlim», face a ideias feitas sobre o primitivismo brasileiro, escreve com ironia o irreverente Ubaldo Ribeiro:

Basta um certo ar primitivo, uma risada levemente inquietante e ar de pasmo diante de novidades tecnológicas, tais como fogões elétricos, geladeiras, ou mesmo isqueiros — quase tudo que não seja de madeira ou couro serve. Villa-Lobos, o grande compositor brasileiro (ou colombiano, ou venezuelano, ou boliviano, é tudo a mesma coisa), se divertia na Europa contando como se comia gente no Brasil e eu mesmo, que já andei escrevendo umas cenas de canibalismo, creio haver, certa feita em Nuremberg, percebido nervosismo numa companheira de mesa, cada vez em que eu olhava para o braço dela e pegava no ketchup (mas resisti e não dei uma dentadinha nela) (Ribeiro 2011).

A presença de uma *doxa*, constituída por ideias feitas, nas crónicas de *Um brasileiro em Berlim*, chega mesmo a aproximar-se de uma interlíngua que seria profícua para as relações entre culturas. Nesse sentido, em «Os índios de Berlim», constata o cronista: «Uma coisa eu aprendi, nesta minha temporada berlinense: só apareço outra vez na Alemanha depois de frequentar um curso sobre a Amazônia e ler pelo menos uma bibliografia básica sobre os índios brasileiros» (Ribeiro 2011).

Com efeito, a deslocação transatlântica de João Ubaldo Ribeiro acaba por funcionar como um breve tratado prático sobre a relação Alemanha-Brasil e Brasil-Alemanha. Eis algumas sínteses essencialistas e simplificadoras de representações culturais alemãs sobre o Brasil que na obra se enunciam, numa formulação e ordem arbitrária de responsabilidade minha:

1. Falar em Brasil é evocar índios.
2. Falar em Brasil é evocar a Amazônia.
3. Falar em Brasil é evocar ditadores militares cobertos de medalhas do tamanho de panquecas.
4. O Brasil é um país de costumes libertinos.
5. O Brasil é um país primitivo.
6. Nos trópicos, o erotismo faz parte do ar que se respira.
7. Quando um brasileiro diz *amanhã* raramente está a ser exato.

A singularidade das culturas é, pois, a todo o momento, objeto de atenção nestas crônicas e, particularmente, no que respeita às culturas alemã e brasileira que, na sua relação vivencial, quotidiana, com o tempo e no modo de dizer o tempo, parecem estar, na verdade, nos antípodas. Assim, em «Vida organizada», João Ubaldo Ribeiro declina a polissemia do «amanhã» brasileiro: «“Amanhã” significa, entre outras coisas, “nunca”, “talvez”, “vou pensar”, “vou desaparecer”, “procure outro”, “não quero”, “no próximo ano”, “assim que eu precisar”, “um dia destes”, “vamos mudar de assunto”, etc. e, em casos excepcionálissimos, “amanhã” mesmo»; «coitado do alemão que vá para o Brasil acreditando que, quando um brasileiro diz “amanhã”, está realmente querendo dizer “*morgen*”. Raramente está» (Ribeiro 2011, em «Vida Organizada»).

A necessidade de produzir sínteses e de alertar compatriotas brasileiros sobre idiosincrasias germânicas igualmente tem lugar em *Um brasileiro em Berlim*. Na crônica significativamente intitulada «Pequenos choques (Quatro anotações de um visitante distraído)», elegem-se como aspetos-traços a assinalar alemães nus, a bandejinha, o tráfego e o olhar que, de novo, permitem ao leitor a formulação de enunciados breves, mas agora em relação à Alemanha:

1. Ir ao lago ver alemães nus permite fazer a experiência de uma assombrosa alteração da libido.
2. Quando deus criou o mundo, criou a bandejinha e sem ela a civilização é impossível, pois só aí se deve deixar o dinheiro aquando de um pagamento na Alemanha.
3. Uma das atrações turísticas em Berlim para os brasileiros é assistir às pessoas esperando disciplinadamente que o sinal abra.

Nota bene: Peões, se há algo mais sagrado que a bandejinha, é a pista das bicicletas.

4. Ninguém olha para ninguém.

E o brasileiro João Ubaldo Ribeiro conclui no confronto entre culturas:

No Brasil, muitas vezes me queixo de que as pessoas falam alto demais, se olham, pegam, esfregam, abraçam e beijam demais. Já aqui, sinto uma espécie de privação sensorial. [...] hoje [...] eu gostaria de ter voltado para casa com a sensação de que alguém na rua me viu, e fiquei com saudades de casa (Ribeiro 2011).

Ubaldo Ribeiro sente ainda a necessidade de dar um contributo prático para um guia de viagem à Alemanha, integrando em *Um brasileiro em Berlim*, um apêndice intitulado «Alemanha para principiantes», conjunto de «palpites de um compatriota que tem vivência na Alemanha», muitos deles reveladores de constructos culturais de que é preciso ter consciência, quase se podendo constituir num decálogo:

1. A plasticidade do termo *bitte*, sublinhando que se pode acomodar a múltiplas situações do cotidiano.
2. Persuasão sobre o muito que há para ver na Alemanha (contrariamente à ideia feita brasileira).
3. Jantar tarde é complicado.
4. Quem fala inglês não quebra o galho em qualquer lugar.
5. Os alemães não acham muita graça a piadas sobre a sua língua.
6. Papo de Hitler pega mal.
7. Não falar alto em público; não olhar para alguém em público; não tocar nas pessoas; não ser impontual.
8. Birita: existe o alemão sóbrio e o alemão cheio de cerveja.
9. Mulheres alemãs não são taradas.
10. Homens: «grande número deles é convencido de que as brasileiras andam nuas e dão imediatamente a quem lhes pedir» (Ribeiro 2011).

Neste apêndice para principiantes na Alemanha, junta-se ainda um «Pequeno glossário de palavras e expressões úteis».

Num género que conscientemente se encena com roupagens de aparente superficialidade e que o jogo humorístico, com frequência, sublinha, João Ubaldo Ribeiro vê e dá a ver algo que vai para além de simples *flashes* de um quotidiano vivido em espaço alemão. A deslocação transatlântica fisicamente acontecida, replica-se, por um lado, num conjunto de deslocações num discurso social, num imaginário coletivo que põe face a face um Primeiro Mundo com um Novo Mundo — e a ordem podia ser a inversa — atentos que estão um ao outro mesmo quando à distância. Por outro lado, tal deslocação a aproximar fisicamente comunidades distantes, distintas, permite identificar e problematizar questões identitárias e de alteridade, mas igualmente permite pensar a inscrição da pessoa humana numa humanidade alargada que experimenta o devir histórico ou a experiência da fragilidade comum a todos.

Numa tipologia textual como a crónica, a arte da brevidade parece adequar-se a uma apresentação da *doxa* com uma enorme visibilidade, a forma breve, porém, não impedindo um exercício crítico corrosivo que pela ironia vai desconstruindo um pseudossaber essencialista e simplista sobre o outro, desnudando o seu carácter de constructo cultural. Pequeno tratado prático e fragmentado de interculturalidade germano-brasileira (e a ordem poderia de novo ser a inversa), *Um brasileiro em Berlim* pode funcionar também afinal como instrumento ao serviço do desenvolvimento de uma competência intercultural.

BIBLIOGRAFIA

- AMOSSY, Ruth, 1991. *Les idées reçues. Sémiologie du stéréotype*. Paris: Nathan.
- COUTINHO, Isabel, 2011. As histórias do Grande Ubaldo. *Público* [Em linha]. 2011-09-11 [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <https://www.publico.pt/2011/09/11/jornal/as-historias-do-grande-ubaldo-22862652>.
- DUFAYS, Jean-Louis, 2016 [1994]. Stéréotype et littérature. L'inéluctable va-et-vient. Em: Alain GOULET, dir. *Le stéréotype*. Caen: Presses Universitaires de Caen, pp. 77-89.
- GOIN, Émilie, [s.d.]. Stéréotype. Em: Anthony GLINOER, e Denis SAINT-AMAND, dir. *Le lexique socius* [Em linha] [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <http://ressources-socius.info/index.php/lexique/21-lexique/201-stereotype>.
- MERTIN, Ray-Güde, 2011. Posfácio. Em: João Ubaldo RIBEIRO. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- PROVENZANO, François, [s.d.]. Doxa. Em: Anthony GLINOER, e Denis SAINT-AMAND, dir. *Le lexique socius* [Em linha] [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <http://ressources-socius.info/index.php/lexique/21-lexique/57-doxa>.
- RIBEIRO, João Ubaldo, 2014 [2005]. Autobiografia João Ubaldo Ribeiro – Pré-defunto chato e reaccionário. *Jornal de Letras* [Em linha]. 2014-07-18 [consult. 2022-11-13]. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/jornaldeletras/letras/2014-07-18-a-autobiografia-de-joao-ubaldo-ribeiro-1941-2014f789880/>.
- RIBEIRO, João Ubaldo, 2011. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- XAVIER, Lola Geraldés, 2005. O quotidiano brasileiro na crónica contemporânea: João Ubaldo Ribeiro e Alcione Araújo. *Forma Breve*. (3), 321-334.

